

O ENCONTRO DE IMAGEM E PALAVRA: ENTREVISTAS COM VANESSA PRIETO E MARINA FARIA

Vitor Cei¹
Luana Pagung²

INTRODUÇÃO

Vanessa Prieto³, artista que transita por muitas linguagens, atua como atriz, dramaturga, produtora e escritora. Estreou na TV em 2006, tendo atuado em novelas e seriados (como “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” e “Zé do Caixão”). No cinema, foi indicada ao prêmio de melhor atriz coadjuvante no Candango pelo longa metragem “Falsa Loura”, do diretor Carlos Reichenbach. Atuou também em diversos curtas-metragens premiados em festivais nacionais e internacionais. Por seu trabalho como roteirista, foi selecionada no FSA Prodav 04/2014 - desenvolvimento de longa-metragem de animação.

No teatro, Vanessa Prieto fundou, em 2009, sua própria produtora, desde então idealizou, atuou e coproduziu diversos trabalhos, como os musicais “Lampião e Lancelote” (vencedor de 11 prêmios, entre eles Bibi Ferreira, APCA e Qualidade Brasil – 2013) e a “A Árvore Berenice”. Em 2011, estreou em São Paulo o musical infantil “O Silêncio em apuros”, de sua autoria, com direção de Débora Dubois. Em 2015, a história de “O Silêncio em

1 Doutor em Estudos Literários (UFMG). Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), líder do grupo de pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura (GEEFIL) e coordenador do projeto “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”.

2 Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mediadora do clube de leitura “Leia Mulheres” em Porto Velho (RO).

3 Professora na Academia Internacional de Cinema. É formada em Teatro pela Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (USP) e em Cinema pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Estudou interpretação para TV e Cinema na Alliance Theatre School, em Atlanta, nos Estados Unidos.

apuros” se transformou em livro, marcando a estreia de Prieto como escritora. O livro conta ainda com o trabalho de ilustração de Marina Faria⁴ e, a primeira edição, independente e distribuída gratuitamente, foi indicada ao Prêmio Jabuti 2016 na categoria livro infantil.

Marina Faria tem realizado trabalhos de ilustração para diversas empresas, incluindo a Cia. das Letrinhas, o SESC, a Editora Abril, O Estado de São Paulo, O Boticário e a Editora Salesiana, dentre outras, desenvolvendo ilustrações editoriais, comemorativas e projetos murais. Também ministra oficinas relacionadas ao desenho, à criação de histórias e ao exercício da imaginação.

Seu trabalho como ilustradora já recebeu duas indicações ao Prêmio Jabuti, na categoria livro infantil: em 2016 por “O Silêncio em Apuros” (edição independente, 2015), com texto de Vanessa Prieto, e em 2015, por “Quando Blufis ficou em Silêncio” (Companhia das Letrinhas, 2014), com texto de Lorena Nobel e Gustavo Kurlat.

As presentes entrevistas online estruturadas foram feitas entre setembro e outubro de 2017, como atividades do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que é um esforço no sentido de mapear a literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores.

Nas páginas a seguir, Vanessa Prieto e Marina Faria discorrem sobre seus processos criativos e refletem tanto sobre aspectos relativos às artes brasileiras contemporâneas quanto sobre o quadro político e cultural dos últimos anos e as respostas éticas por ele demandadas.

INTERLOCUÇÕES ENTRE TEATRO, LITERATURA E CINEMA: ENTREVISTA COM VANESSA PRIETO

1. Você é atriz, dramaturga, produtora, escritora e se autointitula uma artista multimídia, que transita por muitas linguagens. Quais são as opções formais que norteiam seu projeto estético e como ocorrem os trânsitos que você promove entre diferentes expressões artísticas e suportes?

⁴ Ilustradora e designer. Formou-se em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac, em 2006. Trabalha com criação de narrativas para livros e projetos murais, cria ilustração para diversas mídias e ministra oficinas relacionadas ao desenho e à criação de histórias.

Bem, acho que preciso rever o termo multimídia na minha descrição, já que ele é usado para definir obras que misturam diversas linguagens e artistas que na mesma obra misturam muitas mídias. Eu sou uma artista que passeou com uma história por algumas linguagens: teatro, literatura e agora cinema. Estou roteirizando “O Silêncio em apuros” para longa de animação dentro de um edital do Fundo Setorial do Audiovisual – Prodav 04/2014. Em um futuro não tão breve teremos um filme.

Meu desejo inicial sempre foi ser atriz, mas percebi ao longo da minha trajetória que eu me interessava muito pelo todo, não apenas pelo trabalho de interpretação. Mas pela criação como todo, pela dramaturgia, pela realização das obras. Eu me tornei uma artista que executa muitas funções por necessidade mesmo, por falta de oportunidade de trabalho como atriz. Mas eu antes de me formar como atriz, fiz faculdade de Imagem e Som na UFSCar. Então, já existia um desejo misturado ali. Ser atriz ou ser diretora, roteirista, produtora? Como eu não costumo terceirizar meus sonhos, resolvi produzir minha carreira, produzir meus próprios espetáculos de teatro. Então, abri minha empresa e comecei a idealizar projetos culturais, captar patrocínio, executar o projeto, prestar contas. Tudo isso em parceria com Edinho Rodrigues. O meu filho primogênito foi “O Silêncio em apuros” (teatro), depois veio “Lampião e Lancelote”, depois Toro Negro (espetáculo de flamenco), depois “A Árvore Berenice”, depois o livro “O Silêncio em apuros”. Agora estou produzindo o longa de animação do Silêncio.

O resultado estético de qualquer das obras que escrevi, ou idealizei, ou produzi é uma decorrência do processo de construção delas, não é uma escolha anterior. Está mais ligada a necessidade do conteúdo, da mensagem que quero falar do que, do que do meu desejo por uma forma. É como se eu deixasse o projeto me dizer o que ele quer ser, pra onde ele quer ir. E falando sobre “O Silêncio em apuros”, foi importante aceitar que cada linguagem transformaria a história. São obras independentes decorrentes de uma mesma ideia e premissa.

2. A sua trajetória artístico-literária teve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente?

Eu comecei a escrever dando aulas de teatro para crianças da comunidade de São Carlos dentro de um projeto de musicalização infantil da Universidade Federal de São Carlos: além de dar aulas, eu dirigia, construía cenário, pensava figurino, e escrevia as histórias para os meus alunos encenarem. Então, comecei na dramaturgia por necessidade do trabalho de professora. A ideia inicial do “Silêncio” nasceu nesse momento. Depois caí em São Paulo, meio que por acidente, pra ficar 3 meses e nunca mais saí. Depois de 8 meses em São Paulo, eu prestei o vestibular da Escola de Arte Dramática da USP e passei. Em 2004, eu comecei a estudar teatro. Em 2006, já tinha DRT de atriz e diretora, passei num teste de novela do SBT. Em 2006 fiz o último longa do Carlão Reichenbach, “Falsa Loura”. Em 2007, fiz “O Sítio do Pica-Pau Amarelo” na Globo. Parecia que eu teria uma carreira em ascensão. Mas depois disso tudo começou a dar errado pra mim, como atriz. Eu não passava em testes, não era nem chamada para testes de filmes, de novelas e de séries. Eu me tornar escritora, e posteriormente ser indicada ao Jabuti de literatura infantil, só aconteceu porque me tornei uma atriz desempregada.

3. O fato de você ter sua origem em um estado que recebe pouca visibilidade na cena cultural influenciou no seu percurso e no seu estilo?

No meu percurso, sim. Nasci em Ji-paraná em 1979, depois morei em Porto Velho. O fato de ter nascido num estado que na época tinha pouca oferta de cultura – tanto no ensino como no consumo – me obrigou a sair da casa de meus pais aos 14 anos. Eu já queria ser atriz e minha mãe me deixou ir atrás desse sonho. Hoje em dia, não acho que seja necessário partir de Rondônia. Já vejo em Rondônia um movimento de arte e cultura crescendo, gostaria de fazer parte dele. Ainda não consegui, mas tenho esse desejo. Produzir coisas com artistas de RO.

Não sei se ser de Rondônia influenciou no meu estilo. Mas sei que influenciou na minha temática: nasci e morei sempre em lugares silenciosos. Aprendi a valorizar o silêncio, muito. Eu o amo profundamente como se fosse uma pessoa mesmo. É engraçado isso. Hoje moro na Av. Paulista e isso é uma questão.

Minha grande preocupação com Rondônia é o avanço das igrejas evangélicas (as mais fundamentalistas) e como isso pode tolher um pensamento crítico e a liberdade de expressão. Além do estado se tornar um grande curral eleitoral, a exemplo do que tem

acontecido na política do Rio de Janeiro. Acho muito perigoso misturar religião com política, pastores candidatos, ou secretários de cultura que querem levar a mensagem do evangelho para a comunidade. Isso me preocupa e já vi que está acontecendo: na última visita a Rondônia, fiz algumas reuniões para falar com secretários de cultura das cidades, sobre ideias para as políticas públicas de arte e cultura, e percebi isso.

4. Como você vê a recepção de seu trabalho e de suas obras?

O Silêncio em apuros (Teatro) foi um projeto polêmico. Recebemos muito espaço na imprensa, acredito que pela temática da poluição sonora, pelo reconhecimento da nossa diretora. Recebi menção honrosa no Prêmio Nascente da USP pela dramaturgia. Mas, quando o espetáculo ficou pronto, a crítica especializada dividiu sua opinião sobre ele, alguns críticos amaram, como os críticos da Veja, da Folha e de outros portais, mas, um crítico muito importante para Teatro Infantil detestou a montagem, o meu texto e o meu trabalho como atriz. Fui muito difícil pra mim, me senti humilhada publicamente com a agressividade da sua escrita. Depois disso perdemos o patrocínio da Bauducco para a circulação no interior de SP, fizemos só mais uma temporada num teatro da prefeitura e o “Silêncio” se foi... Ainda tenho o cenário e figurinos guardados, não me pergunte porque... Acho que o sonho de levar a peça pra Rondônia, para minha cidade natal.

5. O que mudou depois que *Lampião e Lancelote* venceu os prêmios Bibi Ferreira, APCA e Qualidade Brasil – 2013 e *O Silêncio em Apuros* foi indicado ao Prêmio Jabuti 2016?

O Lampião e Lancelote foi um projeto que eu idealizei e atuei. O texto é do Fernando Vilela e Bráulio Tavares. O seu sucesso é fruto de um coletivo de artistas. Os prêmios nos possibilitaram continuar com o espetáculo por mais 3 anos. L & L é um dos espetáculo mais premiado da história do teatro. Recebemos 11 prêmios (entre eles o prêmio FEMSA) e 22 indicações. Foi um projeto muito especial. Mas o que mais me alegrava nesse projeto era ver o teatro lotado todos os dias. Isso pra mim é o maior prêmio de todos. Sou uma artista popular, o que mais me interessa é esse contato com o público. Eu me realizo nesse lugar, na casa cheia. Não tem preço ver o teatro do Sesi - Paulista lotado, o Santa Isabel em Recife lotado. Passamos por 9 capitais.

O sucesso de “Lampião & Lancelote” me deu credibilidade como uma realizadora cultural na classe teatral, como idealizadora. Apesar de poucas mídias terem me dado o crédito por isso. Como interprete novamente a crítica – o mesmo crítico e seu companheiro – me avaliou mal.

6. O *Silêncio em Apuros* é uma produção independente, publicada com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo e com o patrocínio de uma empresa química multinacional. Quais são os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?

O principal desafio é conseguir que uma editora queira publicar sua história. Eu fui rejeitada por duas editoras, e não fui contemplada em 2 editais que me inscrevi. Acho que os jovens autores precisam se auto-editar, tentar editais e prêmios para publicação. Provavelmente, irão receber melhor do que através de uma editora. Meu mentor literário, Roberto Taddei, me ensinou que os desafios de qualquer autor são primeiro ser publicado, segundo ser comprado e terceiro ser lido. Editando meu livro de forma independente com as leis de incentivos, consegui resolver 2 desses problemas. Eu editei o livro – com uma equipe coordenada por Paula Casarini e supervisão de escrita criativa de Roberto Taddei – e distribuí gratuitamente para bibliotecas e instituições públicas. Espero que os livros tenham encontrado leitores curiosos onde quer que eles estejam.

7. Como você avalia a importância de leis de incentivo à cultura e programas de ação cultural?

São fundamentais para desenvolver nossa cultura e arte, além de formar mercado de trabalho para os artistas que vivem sempre no limiar da escassez de recursos e de dificuldades financeiras. Não é nada fácil ser artista no Brasil e, nesse momento histórico ainda tem sido pior, além de enfrentarmos muita burocracia pra trabalhar com as leis de incentivo, somos chamados de vagabundos por grande parte da nossa sociedade, que acredita que estamos apenas sugando do Estado. Eles ignoram que cada 1 real investido em cultura e arte pelo Estado geram mais 7 reais na economia direta e indireta. A Inglaterra, por exemplo, *já anunciou que investirá fortemente na indústria do entretenimento* porque é uma indústria limpa, que gera muita riqueza. Os artistas não são inimigos do povo.

8. O *Silêncio em Apuros* foi inspirado na peça homônima de 2011. As ilustrações de Marina Faria, feitas com aquarela e lápis de cor, compõem perfeitamente a obra. Após essa experiência, você percebe mudanças em sua maneira de pensar e criar relações entre imagem e linguagem verbal?

Sim. Ela deu a cara para os personagens. Agora estamos trabalhando juntas no desenvolvimento do longa de animação “O Silêncio em apuros” e os personagens que vejo enquanto escrevo, são bem parecidos com os do livro. Mesmo sendo outra linguagem, eu me inspiro nos desenhos dela. Marina ilustra além da história, desenha o que não está dito.

9. Por que você escolheu o silêncio como tema do seu primeiro livro?

O Silêncio tem uma mensagem que vai além da questão da poluição sonora, de respeitarmos o espaço sonoro dos outros. Existe uma mensagem sobre diálogo e coexistência entre diferentes. Agora no filme, apareceu um subtema que é a superação. Os personagens precisam revisitar seus fracassos.

10. O Brasil tem como um dos grandes desafios a democratização do acesso à literatura e, por consequência, a tarefa educativa de formar leitores. Como você compreende o papel da literatura na formação da criança? E, como autora de literatura infantil, quais são suas sugestões aos educadores que pretendem trabalhar com suas obras?

A minha sugestão é que construam livros com as crianças, com histórias e desenhos, encadernem como puderem, mas permitam que elas tenham essa experiência de fazer um livro. Acho que o interesse pelo objeto livro aumentará muito. A narrativa é fundamental pra entendermos o mundo. A criança começa a entender seus funcionamentos internos se vendo representada nas histórias.

11. Diante do panorama da literatura e da cultura brasileira atual, o que você vê? Que autores você tem acompanhado? Gostaríamos que você nos falasse um pouco sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção artística – sobretudo literária – brasileira contemporânea.

Confesso que estou mais conectada com cinema neste momento. Tenho me debruçado mais sobre roteiros do que livros. Artisticamente/politicamente minha inquietação tem sido conseguir sobreviver a esse momento histórico. Minha grande questão é como dialogar com quem pensa diferente sem entrar no campo da dramatização, sem a polarização do nós contra eles. Tem sido difícil manter a delicadeza nestes tempos.

12. Você está escrevendo algum livro no momento? Possui projetos que envolvam outras linguagens?

Tenho uma nova história “O Caderno de Receitas” que também iria estreiar como

teatro e depois virar livro. Mas não consegui captar patrocínio com a crise e com tantos projetos de atores globais sendo realizado no PROAC-ICMS de SP. A oferta de projetos aumentou muito. O PROAC-ICMS é vítima do seu próprio sucesso: funcionou tão bem nos primeiros anos que agora tem muito projeto para pouca verba. Uma fila gigantesca para avaliação e aprovação. Desisti de produzir, momentaneamente. Mas transformei a história em argumento de cinema e estou esperando a resposta de um edital.

13. Historicamente, presenciamos um opressor silenciamento da voz da mulher. Como o machismo presente na sociedade brasileira afeta o seu trabalho em geral e a sua escrita literária em particular?

O machismo é *tão opressor e começa tão cedo que eu mal entendia o que estava em jogo ao longo da minha trajetória pessoal e profissional*. Hoje, com 38 anos, eu já consigo identificar claramente.

No *âmbito* pessoal, meus irmãos sempre tentaram me proteger, mas me tolheram muito no que se referia a minha sexualidade, meu comportamento social expansivo. Numa cidade pequena como Ji-Paraná, ou até Porto-Velho, diziam coisas como “Você vai ficar mal falada se fizer isso, ou aquilo, com os meninos. Se você se comportar assim”. O machismo já começava ali, bem cedo. Numa mistura de desejo de proteger, mas também de reprimir a sexualidade feminina. Quando as meninas começam a se tornar mulheres principalmente. Coincidiu que esse foi o momento que mudei pra Ribeirão Preto, fui morar com minha irmã mais velha, Daniela Prieto, e sempre fomos cúmplices para nos defender de julgamentos como esses. Minha irmã desbravou muitos caminhos para mim, ela sofreu mais com o machismo da nossa família do que eu.

Ainda no âmbito pessoal, me relacionei estavelmente por 7 anos com um parceiro que me incentivava muito a produzir meus projetos, a ser empreendedora, e me dava muito apoio para que isso acontecesse. Mas, por outro lado, me atrapalhou muito a carreira de atriz com ciúmes de cenas românticas, ou qualquer cena que me expusesse de forma sensual. Por ironia da vida, e inicialmente com o meu apoio, ele se tornou diretor de cinema. Repensou sua postura e, anos depois, me pediu desculpas por isso. Agora ele entende a verdadeira natureza e importância do trabalho do ator. O que estava em jogo ali era o desejo de ter a mulher sobre controle, de reprimir o feminino.

Mesmo com pouco espaço para a subjetividade da personagem, fazer uma personagem tão erótica como Sarita Del Ciel na série Zé do Caixão foi uma libertação pessoal. Libertação da preocupação do julgamento da minha família e da sociedade. Foi um marco da minha liberdade para ser sensual o quanto eu quisesse, o quanto a personagem pedir. O corpo é meu e eu não o escondo mais.

Existe um tipo de misoginia muito específica com mulheres que tenham *sex appeal*. Hoje isso já é reconhecido como uma forma de capital social. Garotas que tenham capital erótico normalmente sofrem *bullying* na escola, dos meninos e até de outras garotas, quando *não são vítimas de violência e difamação*. Quando crescem, podem ser

constantemente desqualificadas no trabalho, sofrem questionamentos de como atingiram tal posto, são caluniadas, acusadas de terem saído com seus chefes. Quando não são *realmente assediadas por eles*.

Peço desculpas se isso soa como um autoelogio, mas sempre ouvi que era uma mulher atraente. Sempre dancei e pratiquei muitos esportes, então acabei desenvolvendo um corpo atlético. O ponto que quero ressaltar aqui é que sofri assédios morais de professoras na faculdade – tanto na UFSCar, quanto na USP – e eu nunca entendia o porquê. Eu era desqualificada intelectualmente, porque o meu estereótipo *não era de uma aluna “estudiosa/inteligente”* e sim da “loira burra”, da garota vulgar.

Quando chegou o momento de trabalhar como atriz era esse tipo de personagens que me ofereciam. Eu fiz várias personagens: a burra, a fútil, a vulgar. Mas aquilo me incomodava muito. Hoje, eu sei que aquilo já era a representação da mulher sendo deturpada. Uma vez numa reunião de um trabalho de publicidade, eu questionei a diretora de marketing de uma grande empresa de telefonia por causa disso. Um grupo de atores e atrizes faziam *vídeos cômicos pra internet*. Os personagens que me foram destinados eram: a namorada que não sabe ler mapas; a menina que está correndo no parque, torce o pé e o galã aparece para ajudar e a gostosa que saía com o chefe. Ela me perguntou o que eu achava e eu disse: “Entendi que eu sou a burra, a frágil e a interesseira”. Continuei: “eu leio mapas melhor do que o meu namorado, porque a mulher tem que fazer o personagem da burra? Se nós invertermos vai ficar até mais engraçado...”. Ela acatou essa mudança, pelo menos.

Confesso que eu sentia tanta insegurança de ser rotulada que esse julgamento me travava muito nos momentos de atuar personagens assim. Nesse ponto o livro “O Capital Erótico” da socióloga francesa Catherine Hakim me ajudou a entender o porquê. Esse livro é resultado de uma pesquisa de doutorado e sua tese é que atributos como beleza, charme e *sex appeal* podem ser um trunfo para o sucesso profissional, tanto para o homem quanto para a mulher. Ela constatou que um dos poucos ambientes em que isso não se aplica é justamente no meio acadêmico, no mercado intelectual e na crítica.

Eu desconfio que sofri uma certa “perseguição” da crítica por estar numa posição de liderança dentro dos meus trabalhos: eu produzia, escrevia e atuava em “O Silêncio em apuros”. Hoje concordo com todas as deficiências dramáticas apontadas pela crítica e que cometi um erro ao usar o programa do espetáculo para textos de agradecimentos e homenagens. Eu me envergonho por ter ignorado isso. Acredito que por ter me sentido em tantos momentos desqualificada, desenvolvi uma persona (ou personalidade?) que precisa sempre se auto-afirmar, e isso ficou muito claro na minha escrita no programa do espetáculo. Mas, agora, vendo tudo com distância, e *após ler muitos livros sobre feminismo*, entendo que o incômodo da crítica também passava pelo fato de ser mulher (com *sex appeal*) e estar numa posição de comando. Por mais que a qualidade do meu trabalho – como atriz e dramaturga – possa ser questionável e questionada a qualquer momento, existia uma agressividade excessiva na escrita do crítico e eu atribuo isso a uma forma de misoginia

sim. Eu me pergunto e me perguntei qual o problema de eu ser a protagonista do espetáculo que eu produzi e que eu escrevi? Eu só comecei a produzir para poder atuar.

O meu grande aprendizado no “Silêncio” (teatro) é que o acumulo de funções, e de preocupações, atrapalham meu trabalho como atriz e que eu precisaria ter uma equipe mais confiável e mais tempo de preparo.

Em *Lampião* e *Lancelote*, a história continuou. O mesmo crítico de teatro, e também seu companheiro, fizeram revisões negativas do meu trabalho como atriz. Ressaltando o fato de que eu era a idealizadora do projeto, mas destoava do restante do elenco. Eu novamente concordei: em meu segundo espetáculo profissional, eu não poderia estar no mesmo nível de atores tão experientes como *Cássio Scapin*, *Luciana Carniele*, *Daniel Infantini* e *Leonardo Miggiolin*. É um risco trabalhar com atores tão experientes como eles, porque existe uma grande chance de você ser o ponto fraco da peça. Mas, não me arrependo dessa escolha. Aprendi muito e cresci muito ao longo dos 3 anos de temporada do espetáculo. Minha questão é que escrevi uma carta de resposta ao crítico – no espaço para comentários do portal do ESTADÃO onde a crítica foi publicada – e minha resposta nunca foi aceita. Eu me senti silenciada sim. Dois anos depois, esse mesmo crítico de cinema fez uma avaliação positiva do meu trabalho como atriz em *Zé do Caixão*. Mas, não se deu o trabalho de colocar meu nome, apenas me chamar pelo nome da personagem. Eu reconheço o lugar do ator como coautor de uma obra, mas me pareceu que aos olhos dele, eu agora estava no lugar certo: comandada e não comandante.

Bem, quando fui indicada ao Jabuti de literatura infantil, foi uma redenção. Eu finalmente estava sendo respeitada pelo meu trabalho. Eu acredito que todas as críticas que recebi me fizeram refletir e estudar muito dramaturgia. E que passar por tantas provações, fez com que eu duplicasse o cuidado com meu trabalho e com a escolha da minha equipe.

É triste dizer isso, mas escrever se tornou pra mim um lugar de libertação, porque só importa o que eu tenho pra dizer e o como eu digo. Não importa como eu aparento. É como se eu pudesse me libertar da minha imagem e dizer “Você pode me ouvir um momento, por favor”.

A FIRMEZA DO LÁPIS E A FLUIDEZ DA AQUARELA: ENTREVISTA COM MARINA FARIA

1. Cada ilustrador de obras literárias possui método e estilo de trabalho próprios. Quais são as opções estéticas que norteiam seu processo criativo?

O processo criativo é um percurso misterioso. Acredito que a única bússola com que podemos contar nesse caminho é um amor completo pelo nosso fazer. É ele que faz com que o artista se atire rumo ao desconhecido, arriscando tudo e confiando que encontrará a melhor forma de alcançar o que busca. No caso do ilustrador, esse fazer é contar uma

história através de imagens. No início, a história é quem mostra por onde caminhar, mas, à medida em que as distâncias vão sendo percorridas, muitas vezes a ilustração é quem mostra à história o melhor caminho a seguir. Juntas, elas encontram o tom do que está sendo dito e percebem se virão as cores ou se tudo acontecerá entre o preto e o branco, se a mão se demora na construção das imagens ou se percorre com agilidade o suporte, se o lugar poético é construído com a firmeza do lápis ou a fluidez da aquarela... É preciso ter abertura para tudo o que vai surgindo e que não estava nos planos iniciais. Só assim o que é criado está vivo, porque a vida é dinâmica, transforma-se. Um trabalho que não abarque essa dinâmica, está morto, não tem espaço para as descobertas de seu autor e também não irá propor descobertas para seu interlocutor, por isso não será interessante. O que é chamado de estilo não é, no melhor dos casos, algo programado, mas o mais longe que o artista conseguiu chegar na sua busca. O método é dedicar-se, de todo coração.

2. Descreva a sua trajetória. Você sempre gostou de desenhar? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se tornou uma ilustradora profissional?

Todo mundo desenha quando criança. Vocês sabem bem como é... tem uma criança na sala e os adultos estão tentando conversar... As ferramentas sempre à mão para fazer a criança se lançar com autonomia na sua aventura são papel e lápis – as crianças estão sempre disponíveis e dispostas a aceitar o desafio. Algumas pessoas, à medida em que vão crescendo e se tornando mais íntimas da linguagem verbal, acabam deixando de desenhar. Outras, nunca param, entendem que, da mesma maneira que há coisas que podemos expressar com palavras e que jamais saberíamos colocar num desenho, há algo que o desenho diz que não se pode dizer em palavras. Não posso imaginar quais inclinações nos empurram para um ou outro lado. O que sei é que me encaixo no segundo grupo. Sempre carreguei o desenho comigo, onde quer que eu estivesse, como uma ferramenta de compreensão do mundo ou como o passe de mágica que me levaria para onde quisesse. Ele estava nos caprichados cadernos de história, nas sofridas aulas de física, em qualquer trabalho da faculdade... Depois, naturalmente, o desenho se tornou a própria vida, a rotina diária, a dor e o bálsamo. E para mim o desenho nunca esteve separado de outra grande paixão: as histórias. Ler, ouvir, contar histórias sempre foi o meu modo de estar no mundo.

Então eu sempre provoquei a relação entre desenho e narrativa. Quando chegou a hora de ir para a universidade, eu tinha a opção de fazer Artes Plásticas na USP. Tinha passado na prova, que era bem difícil, e muita gente queria estar no meu lugar. Mas eu escolhi estudar Design Gráfico no Senac, um curso relativamente novo e muito prático, que procurava dar as bases para seguir uma profissão de que até então poucos tinham ouvido falar. Fiz essa escolha porque ali eu aprenderia, entre muitas outras coisas, a desenhar tipografias e a projetar livros, que eram o lugar onde eu via meu desenho acontecer. Esse aprendizado foi fundamental para mim e me acompanha ainda hoje em todos os projetos. Depois de trabalhar um pouco só com design (cheguei a ter um escritório com colegas da faculdade) acabei compreendendo que o meu caminho central eram as histórias e comecei a me dedicar aos livros, desenhando, escrevendo, diagramando. Às vezes, livros só meus, outras vezes, parcerias com outros escritores. Hoje eu entendo esse contar histórias dentro do meu trabalho de uma maneira muito mais ampla, que inclui o livro, mas não só ele – outros objetos, murais, vídeo, teatro, a conversa entre todos os desenhos que tenho feito ao longo da vida.

Esse, em essência, é o trabalho do ilustrador quando se dedica a dialogar com uma história contada com palavras: colocar imagem e palavra em relação. Isso pode acontecer de muitas maneiras. No caso do *Silêncio*, a Vanessa me entregou uma história fechada, que tinha autonomia para ser contada, independentemente de ter imagens ou não. Era um trabalho muito desafiador, porque o texto criava muitas imagens por si só. A ilustração não podia contradizer essas imagens, mas também não podia repeti-las. O leitor precisa ser respeitado: não podemos ficar explicando o que está sendo dito, porque o leitor é vivo, já entendeu, e não queremos que ele fique entediado com repetições. Felizmente, a Vanessa é uma autora incrível, extremamente generosa e aberta. Ela me deixou muito livre para criar qualquer coisa que já não estivesse dada e também para não criar imagens que ela já tinha e que eram caras para ela. Mais felizmente ainda, ela é extremamente exigente e sempre soube fazer com que eu não me contentasse com pouco, com primeiros esboços, com imagens fáceis ou menores do que a história pedia – cada desenho do livro tem pelo menos três esboços antes do que foi feito no final, sem contar os desenhos de apoio que me guiaram para entrar no universo de Lugar Nenhum! Nesse sentido, nossas conversas

foram fundamentais para me inspirar e alimentar a criação. O encontro de imagem e palavra no *Silêncio* foi tão rico, que da mesma maneira que se pode ler a história só a partir das palavras, também se pode lê-la só a partir das imagens. Provavelmente não se lerá exatamente a mesma história, mas duas histórias que possuem a mesma essência - é isso mesmo que é interessante. Elas se encontram, se ouvem, se complementam, se respeitam. Assim também foi a nossa relação de autoras e eu me sinto muito feliz porque, além de um livro pelo qual tenho muito carinho, ganhei também uma amiga pela qual tenho toda admiração.

3. Como você vê a recepção de seu trabalho? O que mudou depois que *O Silêncio em Apuros* foi indicado ao Prêmio Jabuti 2016?

O *Silêncio* é um livro muito querido onde quer que chegue, desde antes da indicação. Naturalmente, o primeiro contato é com o objeto: a pessoa segura o livro, sente o peso, a proporção do livro com o corpo, o toque macio da capa, percebe que há algo ali que ela ainda não tinha visto (uma palavra oculta, que brilha se movimentamos o livro). Isso é resultado do trabalho de projeto gráfico, que eu sempre gosto de assumir nos livros que eu faço, e também o resultado do trabalho dedicado e sério da produtora gráfica, a Paula Casarini, que garantiu as qualidades necessárias na produção do livro. Depois vem o folhear, os olhos passeiam rápido pelas cores e traços e percebem um tom que se alterna entre suave e denso, a movimentação das personagens pelas páginas, as pistas de uma história que está guardada ali... é o trabalho de ilustração despertando a curiosidade, chamando o leitor para mergulhar nas palavras. É gostoso ver como nesse ponto as pessoas já se envolveram com o livro! Daí a Vanessa respira fundo, porque o trabalho do escritor vai ter que esperar até que a pessoa leia aquelas 80 páginas e volte a falar com a gente, para contar como foi essa convivência mais profunda com o livro. E as pessoas sempre voltam, gratas e encantadas! A história é uma aventura poética que traz questões que nos dizem respeito a todos, direta e indiretamente, e através de muitas camadas de leitura. Isso torna o livro querido entre crianças e adultos, leigos e profissionais de todas as áreas que toca. A indicação para o Jabuti 2016 foi e é recebida com alegria por nós, pelos colegas de profissão e leitores em geral – uma grata confirmação das qualidades que buscamos colocar no livro. Fico contente

de perceber esse mesmo tipo de recepção em outros trabalhos que fiz, não só no universo do livro (o *Silêncio* foi o meu segundo livro indicado ao Jabuti – o primeiro foi *Quando Blufis ficou em Silêncio*, editado pela Cia. Das Letrinhas), mas em outros contextos também.

4. Historicamente, presenciamos um silenciamento da voz da mulher. Como o machismo presente na sociedade brasileira afeta o seu trabalho?

A questão é certamente gravíssima, mas acredito que o problema seja muito mais amplo e profundo. Acredito que o que enfrentamos é uma imensa e irrestrita falta de escuta entre (quase) todos, que tem se agravado consideravelmente nos últimos tempos. Não só de homens em relação a mulheres, mas de cada um em relação àquilo e àqueles que são diferentes de alguma maneira (e nesse sentido, nós mulheres também temos, algumas vezes, caído na perigosa armadilha de inverter a opressão, o que é extremamente danoso à discussão que estamos propondo). É preciso ampliar a escuta e a compreensão, o colocar-se no lugar do outro e encarar a desafiadora tarefa de abrir mão dos nossos cômodos pontos de vista habituais, para ver o mundo e as relações segundo um modo novo e descondicionado. É preciso estar presente e com o amor aumentado para acolher a diferença e a dificuldade, e assim promover o encontro real. É a partir dele que essas relações podem ser transformadas. Vejo o meu trabalho como ferramenta de busca pessoal dessa transformação de olhar. Mas também o vejo como ferramenta de comunicação, de sensibilização do outro, um modo de propor essa outra visão e *co-mover* o outro a partir da fricção daquilo que o trabalho propõe e do que seu interlocutor já traz consigo de antemão. Não são poucas as vezes em que essa abordagem amorosa fala com muitas pessoas, de meios e com ideias diferentes. O trabalho é recebido de coração aberto e, muitas vezes, percebo a escuta aumentar nessas pessoas.

5. O Brasil tem como um dos grandes desafios a democratização do acesso à literatura e, por consequência, a tarefa educativa de formar leitores. Como você compreende o papel da literatura na formação da criança? E, como ilustradora de literatura infantil, quais são suas sugestões aos educadores que pretendem trabalhar com suas obras?

A formação de leitores é algo fundamental, que precisa ser cuidado com urgência e muito mais intensidade, alcance e qualidade do que vem sendo feito. A leitura é uma porta poderosa para o conhecimento e a liberdade. A criança é leitora por excelência: ela está o

tempo todo atenta ao que acontece à sua volta, procurando aprender a ler e compreender o mundo em que se insere – e ela realiza essa tarefa frequentemente com mais prontidão e de maneira mais ampla do que o adulto. Portanto, não se deve pensar a literatura infantil como um prelúdio, um facilitador para atrair o leitor iniciante, que mais tarde irá se dedicar à “verdadeira literatura”. Ao contrário, a criança quer ser desafiada, quer se sentir intrigada, convidada ao jogo que todos estão jogando – ninguém gosta de brincar se for “café-com-leite”. O chamado livro infantil (que eu e muitos outros autores preferimos chamar de livro ilustrado) precisa ser compreendido – e criado – desde o princípio como literatura plena, precisa ser interessante para a criança e para o adulto. Se o adulto que está mediando as primeiras leituras não estiver interessado no livro, a criança também não estará. Se o adulto, ele mesmo, não for um leitor, não poderá inspirar a leitura. Se a criança não estiver em contato com outros leitores, de todas as idades, dificilmente vai se lembrar da leitura como algo para incluir na sua vivência. Então, eu acredito que todos nós – pais, mães, avós, tios, primos, amigos, professores, desconhecidos lendo no ônibus a caminho do trabalho, etc – somos educadores e formadores. Como autora (e aqui incluo a escritora e a ilustradora), acredito que meu papel está não só em criar livros interessantes para todos, mas em levar o meu amor pela leitura aonde quer que eu vá – num mural que eu faça em um lugar público, numa oficina que eu esteja ministrando em uma biblioteca, nos encontros com meus sobrinhos e primos, no banco da praça, etc). Quando nos colocamos dessa maneira, verdadeiramente entregues ao que estamos fazendo, percebemos que todos a nossa volta se interessam pelo que estamos propondo, se envolvem profundamente e se tornam também propositores. Essa postura ativa é fundamental para que o aprendizado aconteça.

6. Diante do panorama da arte brasileira atual, o que você vê? Que artistas você tem acompanhado? Gostaríamos que você nos falasse um pouco sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção artística – sobretudo ilustração de obras literárias – brasileira contemporânea.

Temos visto uma profusão enorme de artistas trabalhando. Como em toda ação humana, se vê de tudo, comprometimento (ou não), coisas que nos movem (ou não)... Mas é bom ver como o espaço de expressão cresceu. E ao mesmo tempo, alarmante

perceber que esse espaço, neste mesmo instante, está ameaçado e perdendo território de discussão e criação com liberdade – a passos largos. Temos visto, com igual força, proposta e censura. Neste momento, é vital que o artista se coloque com todo comprometimento a criar uma obra real, que por si mesma garanta o espaço da arte numa sociedade cada vez mais dedicada ao enaltecimento do “eu” e menos tolerante ao outro. A arte deve inspirar essa sociedade a ampliar sua compreensão do mundo. Os artistas que me movem são os que estão trabalhando com tudo o que têm, os que estão compreendendo sua ação artística como proposta de encontro e transformação, que estão olhando para o espaço público como lugar de reunião e aprendizado – levando até ele um trabalho consistente. Mas não falo de trabalhos que, pretendendo ser práticos, na verdade se pautam num discurso frouxo, na explicação e na discussão teórica superficial do que a arte deveria ser e propor. A ferramenta da arte é por excelência a ação: o desenho, a pintura, a música, a atuação, a dança, o vídeo, a palavra-matéria... uma lista enorme de recursos, que precisam ser usados com excelência, e através dos quais se pode de fato provocar o interlocutor para fora do seu estado passivo cotidiano.

No universo do livro ilustrado, temos grandes autores propondo experiências ousadas de reinvenção do objeto e da linguagem - e o mundo está olhando com atenção para eles: não é à toa que recentemente o Brasil foi homenageado em uma das feiras mais importantes de literatura do mundo, a Feira de Bolonha, e um brasileiro ganhou o prêmio mais importante do mundo de literatura infantil. No que diz respeito ao livro, me interessam os autores que o estão explorando em toda sua complexidade, que se ocupam de que tenham consistência como literatura, que compreendem palavra e ilustração ambas como linguagem e matéria a um só tempo, que convidam o leitor a despertar também para a materialidade do objeto e ressaltam ou transgridem sua estrutura original. Também procuro acompanhar o trabalho educativo fundamental que eles têm realizado, desenvolvendo e propagando através de seus livros, cursos e exposições o conhecimento sobre o fazer e a história do livro ilustrado, para leitores, autores, editores e educadores. Eu poderia, felizmente, citar muitos nomes, com a certeza de deixar muita gente boa de fora. Então vou citar apenas um, como uma homenagem e um agradecimento, de uma autora ousada, consistente e comprometida, que nutriu meu imaginário de leitora e autora, desde a minha

infância até agora, e que, infelizmente, perdemos neste mês: Ângela Lago. Que sua obra vasta, generosa, exigente e formadora possa sempre nos inspirar a seguir adiante com os caminhos que ela abriu.

7. O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?

Vejo um movimento precioso e fértil de criação, que, de maneira aparentemente contraditória, foi gerado pela crise do mercado editorial. A diminuição da potência das grandes editoras nos últimos anos, fez com que os autores investissem sua energia nas publicações independentes. E nesse lugar fresco e descomprometido com as relações comerciais, o livro tem sido criado com grande abertura e ousadia. O autor de palavras e/ou imagens tem se apropriado do seu objeto livro em todas as suas nuances. E o leitor tem olhado para esse autor com respeito e admiração, tem ido até ele para conhecer e consumir seu trabalho. Vemos constantemente surgirem e se ampliarem as feiras de publicações independentes, que contam com um público cada vez mais diverso e uma produção cada vez mais rica. É um movimento maravilhoso de se observar e que há de crescer e se potencializar, propondo uma real transformação da produção literária nacional.

8. Você está ilustrando algum livro no momento? Possui projetos que envolvam outras linguagens?

Acho que eu não me arrisco muito se disser que todo autor está sempre trabalhando em algum livro! Eu tenho sempre vários livros em etapas diferentes... Um que acabou de sair da gaveta, um que acabou de voltar pra lá, outro que ficou pronto, um em produção, uma dezena no que eu chamo “estado de semente” (pequenas ideias, intenções, inspirações, investigações que podem se tornar livros). Cada um tem sua especificidade e seu tempo, que eu procuro respeitar como sagrados.

Também estou sempre envolvida com projetos de outra natureza. O meu trabalho pessoal de ateliê que, com frequência é dedicado ao livro e ao desenho, é um trabalho bastante solitário. Eu aprecio – e cultivo! – muito essa solidão criativa, mas também gosto de cultivar o trabalho colaborativo. O trabalho que acontece em relação, no encontro com o outro, me alimenta muito, porque me leva para outros lugares, a que eu nunca chegaria

sozinha. Nesse sentido, tem me apaixonado muito a criação colaborativa de projetos murais em espaços de grande circulação (onde não só os artistas envolvidos, mas também o público participa da criação) e o teatro, em muitas das suas frentes (atuação, concepção de cenário e figurino, arte gráfica, sombras chinesas, bonecos, luz, investigação para processos criativos colaborativos, etc). Também tenho me dedicado a oficinas, trabalhos de design (sobretudo acompanhando parceiros em suas necessidades como autores, na diagramação e criação de projetos gráficos) e até mesmo projetos de animação. Alguns desses universos são muito novos para mim, como o teatro e a animação, mas tenho encontrado, como parceiros e mestres, profissionais tão experientes e generosos nessas áreas, que o meu trabalho, como um todo, cresce muito nessas situações, porque o aprendizado é enorme. Por exemplo, meus dois últimos livros estão intimamente ligados às minhas experiências recentes com o teatro. Se o mergulho nessa pluralidade de linguagens é feito com comprometimento pelo artista, qualquer trabalho que se realize funciona como catalizador de todos os trabalhos, mesmo que a princípio ele pareça se envolver com projetos desconexos.

9. Alguma consideração final?

Que todos possam ler, ir ao teatro, ao cinema, a exposições de arte e ali encontrar trabalhos feitos com comprometimento e liberdade. Que possam se aproximar de todas as formas de arte com o espírito crítico, ativo e disponível. A arte é um fazer humano que questiona o próprio fazer humano. É a ação de um ser que se compreende como parte de um todo maior, que está muito além de tudo o que é humano e que por isso abarca, acolhe, exige. Garantir esse espaço de troca, transformação e percepção é um trabalho e uma necessidade de todos.